



DESAFIOS NA EDUCAÇÃO MODERNA POR HANNAH ARENDT: RELAÇÕES COM A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

CHALLENGES IN MODERN EDUCATION BY HANNAH ARENDT: RELATIONS WITH BRAZILIAN EDUCATION

Elza Ribeiro Martins Falcão - Mestranda em Ciências da Educação, na World University Ecumenical

RESUMO:

Este escrito tem como objetivo trazer uma análise crítica da obra “A Crise na Educação” de Hannah Arendt, focalizando a decadência educacional nos Estados Unidos como uma faceta intrínseca dos desafios enfrentados no século XX, alinhando suas percepções a realidade brasileira. A autora ressalta a contínua deterioração dos padrões educacionais como uma ameaça latente, enquanto critica a ilusão de forjar um novo mundo por meio da educação, incluindo uma exploração da influência da igualdade na sociedade americana. A abordagem metodológica adotada trata-se de análise bibliográfica, por meio da utilização de argumentos históricos, filosóficos e sociológicos extraídos da pretensa obra. Enfatiza-se o quão relevantes são essas características nos dias atuais frente às necessidades de mudanças no sistema educacional brasileiro. O propósito desta pesquisa é contribuir para uma melhor compreensão da obra de Arendt, concedendo um embasamento teórico sólido voltado às reflexões contemporâneas sobre os obstáculos presentes no cenário educacional do Brasil. Sua análise transcende a mera revisão bibliográfica ao propor relevantes abordagens para as áreas da educação. Logo, o artigo é organizado em dois momentos distintos, um em que faz a análise da obra de Hannah Arendt, e outro que traz essa realidade para o contexto educacional brasileiro.

Palavras-chaves: Crise na Educação; Hannah Arendt; Reflexões Contemporâneas.

ABSTRACT

This writing aims to provide a critical analysis of the work “The Crisis in Education” by Hannah Arendt, focusing on educational decadence in the United States as an intrinsic facet of the challenges faced in the 20th century, aligning its perceptions with the Brazilian reality. The author highlights the continued deterioration of educational standards as a latent threat, while criticizing the illusion of forging a new world through education, including an exploration of the influence of equality in American society. The methodological approach adopted is bibliographic analysis, through the use of historical, philosophical and sociological arguments extracted from the alleged work. It is emphasized how relevant these characteristics are today in view of the needs for changes in the Brazilian educational system. The purpose of this research is to contribute to a better understanding of Arendt’s work, providing a solid theoretical basis aimed at contemporary reflections on the obstacles present in the educational scenario in Brazil. Its analysis goes beyond a mere bibliographical review by proposing relevant approaches to the areas of education. Therefore, the article is organized into two distinct moments, one that analyzes Hannah Arendt’s work, and the other that brings this reality to the Brazilian educational context.

Keywords: Education Crisis; Hannah Arendt; Contemporary Reflections.

INTRODUÇÃO

1

Hannah Arendt, em sua análise da crise na educação moderna, destaca a complexidade desse fenômeno evidenciando a dificuldade contemporânea em garantir a conservação mínima necessária para o aspecto educacional. A autora ressalta a crise de autoridade na educação, fortemente ligada à transformação na atitude em relação ao passado, que outrora era reverenciado como um modelo. Em um mundo onde a autoridade e a tradição perderam sua influência, a citada área enfrenta o desafio de operar nesse novo contexto.

Arendt argumenta que a escola deve concentrar-se em ensinar às crianças o que o mundo é, separando claramente o domínio da educação dos demais, especialmente da esfera política. Em última análise, a autora destaca a responsabilidade educativa na preservação e renovação do mundo, sendo este o ponto onde se decide se amamos suficientemente o mundo para assumir responsabilidade por ele.

Esse artigo, que se trata de uma revisão de literatura, que apesar de ter a obra título do artigo como referência, também se embasou em outros autores para conseguir compor o mosaico que traz os achados realizados pela autora Hannah Arendt, para a realidade específica de nosso país.

Assim, o artigo é dividido em dois tópicos centrais, o primeiro apresenta a análise profunda e crítica da obra de Hannah Arendt, onde se tem o panorama da crise por qual passou a educação norte-americana as últimas décadas. Em seguida, se tem uma interseção entre esses achados com a realidade nacional no tocante a educação.

DESAFIOS NA EDUCAÇÃO MODERNA

Em seu texto, intitulado de “A Crise Na Educação”, Hannah Arendt aborda a decadência generalizada que aflige o mundo moderno, com foco especial na crise periódica da educação nos Estados Unidos. Arendt (2009) destaca que a baixa constante dos padrões elementares em todo o sistema escolar representa um perigo evidente, e os esforços das autoridades para controlar a situação indicam a gravidade do problema.

Ao comparar tal problemática na educação com as experiências políticas do século XX em outros países, como as ondas revolucionárias e os horrores dos campos de concentração, argumenta-se que a tentação de a considerar como um fenômeno local, desconectado dos problemas mais amplos do século, é equivocada (Arendt, 2009).

A crise na educação nos Estados Unidos se tornou uma questão política, desafiando a noção de que é apenas um problema local sem equivalência global. Arendt (2009) ressalta a importância da educação na América devido à sua natureza como terra de imigrantes, onde a americanização das crianças desempenha um papel vital na fusão de diversos grupos étnicos. A imigração contínua e a busca por uma nova ordem do mundo fazem com que esta área tenha uma função política incomparavelmente mais importante na América do que em outros países (Arendt, 2009).

A ilusão de construir um novo mundo através da educação das crianças é discutida, com ênfase na natureza americana de acreditar na possibilidade de fundar uma nova ordem com a consciência de um continuum histórico. No entanto, Arendt (2009) alerta que essa ilusão não reflete a verdadeira situação e bem como o mundo em que as crianças entram é, na realidade, um mundo velho.

O problema na educação americana é ainda mais agravado pela adoção acrítica de teorias educativas europeias, as quais revolucionaram o sistema educacional, eliminando as regras da saudável razão humana. A falta de um ensino verdadeiramente secundário e a pressão para igualar todas as crianças têm impactos negativos na qualidade educacional e na preparação para a universidade (Arendt, 2009).

A influência do conceito de igualdade na sociedade americana e como a tentativa de criar uma meritocracia, embora seja vista como um avanço em outros lugares, é considerada intolerável nos Estados Unidos. Hannah Arendt destaca a complexidade do declínio na educação americana, relacionando-a à sua natureza política única, à ilusão de construir um novo mundo e à busca incessante pela igualdade que afeta diretamente ao sistema educacional. A partir desse ponto, Arendt (2009) comenta a respeito da situação educacional contemporânea, expondo três ideias fundamentais responsáveis por contribuir para o estado catastrófico em que o mundo se encontra.

A primeira delas é a ideia de criar um “mundo da criança” apartado da sociedade adulta. Nesse contexto, as crianças são vistas como seres autônomos capazes de se autogerir, onde acaba rompendo as relações normais entre crianças e adultos. Arendt (2009, p. 5) argumenta: “O papel dos adultos deve então consistir em limitar-se a assistir a esse processo.”

A segunda ideia refere-se ao ensino, influenciado pela psicologia moderna, desvinculado da matéria a ser ensinada. A formação de professores negligenciou a competência na disciplina, resultando em um professor sem autoridade legítima. Sendo assim, Arendt (2009, p. 5), destaca: “O professor não autoritário, aquele que, contando com a autoridade que a sua competência lhe poderia conferir, quereria abster-se de todo o autoritarismo, deixa de poder existir.”

A terceira ideia, relacionada à teoria moderna da aprendizagem, propõe substituir o aprendizado pela ação, favorecendo atividades lúdicas em detrimento do trabalho sério. Arendt (2009, p. 6) critica essa abordagem, afirmando que a aplicação à educação desta ideia é tão primitiva quanto evidente: substituir, tanto quanto possível, o aprender pelo fazer.” A consequência dessas ideias é a exclusão das crianças do mundo adulto, submetendo-as à tirania do grupo de pares e restringindo seu desenvolvimento.

Arendt (2009) aponta para a crise na educação nos Estados Unidos e a necessidade de uma reforma que restabeleça a autoridade do professor, retorne ao trabalho sério em sala de aula e repense a abordagem pedagógica.

gica centrada no fazer. A autora também enfatiza que a educação é uma atividade essencial na sociedade humana, renovando-se continuamente com o nascimento de novos seres humanos.

Ela ressalta a dualidade na abordagem da criança, “objeto da educação”, onde a criança compartilha com todos os seres vivos o estado de devir, mas ao mesmo tempo é nova em relação a um mundo já existente. “Ela é um novo ser humano e está a caminho de devir um ser humano” (Arendt, 2009, p. 7).

Os pais desempenham relevante participação diante da finalidade de educar seus descendentes, ao cuidarem não apenas da vida e do desenvolvimento de seus filhos, mas também sendo essenciais para o resguardo e continuidade do mundo. No entanto, Arendt (2009) informa que tais responsabilidades podem entrar em contradições, pois a criança necessita ser protegida do mundo, enquanto o mundo carece ser protegido da influência potencialmente destrutiva das novas gerações.

A família é considerada como um importante refúgio, onde “os adultos regressam cada dia do mundo exterior e se unem na segurança da vida privada” (Arendt, 2009, p. 7). Esses quatro muros proporcionam uma proteção contra o mundo e seu aspecto público, essenciais para o florescimento da vida.

A crítica ao sistema educacional contemporâneo é expressa quando Arendt (2009, p. 8) evidencia que “a educação moderna, na medida em que tenta estabelecer um mundo próprio das crianças, destrói as condições necessárias para o seu desenvolvimento e crescimento”, havendo assim uma perceptível discrepância entre o ensejo de garantir o bem-estar da criança e a ausência de iniciativas eficazes na garantia de condições favoráveis ao seu desenvolvimento.

Dessa forma, Arendt (2009, p. 9) escancara a visível resistência de alguns adultos em assumir a responsabilidade pelo mundo no qual trouxeram as crianças. Essa recusa se torna clara com a diminuição da autoridade percebida na sociedade atual, refletindo-se na área da educação e na falta de norteamento para as novas gerações em um mundo incerto. Segundo a autora, a dificuldade reside na contemporaneidade, onde é “extremamente difícil garantir esse mínimo de conservação e de atitude de conservação sem a qual a educação não é simplesmente possível” (Arendt, 2009, p. 11).

O sistema educacional, que historicamente se beneficiava de uma tradição sólida e da autoridade inquestionável do passado, agora enfrenta o desafio de operar em um mundo onde a autoridade e a tradição perderam sua influência. Arendt (2009, p. 12) destaca a mudança na relação com o passado ao afirmar que, “ao longo dos séculos, [...] considerar o passado enquanto passado como um modelo; em qualquer caso, tomar os antepassados como exemplos orientadores para os seus descendentes.” Contudo, nas eras modernas, essa atitude em relação ao passado foi transformada, criando uma dificuldade adicional para os educadores.

Arendt (2009) defende a ideia de que a escola deve priorizar o ensino às crianças sobre como o mundo é, em vez de orientá-las na arte de viver. Ela enfatiza a importância de estabelecer uma clara demarcação entre o âmbito educacional e outros setores, principalmente na esfera da vida política pública. Nesse contexto, a função da escola reside em transmitir o conhecimento do mundo às crianças, considerando a influência do passado... Em suas palavras, “a função da escola é ensinar às crianças o que o mundo é e não iniciá-las na arte de viver” (Arendt, 2009, p. 13).

Em última análise, Arendt (2009) destaca a importância da educação na salvaguardar do mundo. Ela enfatiza a educação como ponto essencial em que decidimos se realmente amamos o mundo o suficiente para assumir responsabilidade por ele, garantindo sua atualização constante por meio da chegada de novas gerações. Em suas palavras, “a educação é também o lugar em que se decide se se amam suficientemente as nossas crianças para não as expulsar do nosso mundo deixando-as entregues a si próprias” (Arendt, 2009, p. 13).

A CRISE NA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Após entender a perspectiva da autora sobre a crise da educação por qual passou os Estados Unidos, se fez necessário trazer essa realidade para o nosso país, para que se fizesse um panorama real, dessas crises vivenciadas em uma país de tamanho continental como é o Brasil.

De acordo com Ribeiro (2009), o sistema educacional brasileiro tem enfrentado desafios significativos ao longo das últimas décadas, refletindo uma complexa interação de fatores sociais, econômicos e políticos. Essa crise na educação brasileira é multifacetada e se manifesta em diversos níveis, desde a infraestrutura até questões mais profundas, como desigualdades persistentes. Diante desse cenário, emerge a necessidade premente de uma reinvenção tanto da escola quanto do papel do professor para promover transformações efetivas.

Uma das principais questões é a desigualdade no acesso à educação de qualidade. Enquanto

algumas regiões do país contam com instituições bem equipadas e professores capacitados, outras enfrentam carências estruturais, falta de recursos e condições inadequadas para o aprendizado. A disparidade socioeconômica se reflete diretamente nas oportunidades educacionais oferecidas aos alunos, perpetuando ciclos de desigualdade (ROMANELLI, 2013, p.109).

Isso para o autor é expandido, na medida em que é de responsabilidade das redes de ensino municipais e estaduais, a organização e oferta de suas respectivas etapas de ensino, o que faz com que algumas redes sejam organizadas e o ensino se desenvolva a contento, e tendo redes desorganizadas, onde os mais prejudicados são os alunos.

Além disso, para Muzzeti e Silva (2017), a abordagem tradicional de ensino muitas vezes se mostra obsoleta diante das demandas contemporâneas. O modelo centrado na transmissão de conteúdo, memorização e avaliação padronizada não corresponde às necessidades de uma sociedade em constante evolução. A tecnologia, por exemplo, oferece novas possibilidades de aprendizado, mas é preciso integrá-la de maneira eficaz, garantindo que todos os estudantes tenham acesso equitativo às ferramentas digitais.

Para esses autores, a reinvenção da escola é imperativa. É necessário repensar a estrutura curricular, adotar métodos de ensino mais participativos e estimular o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e colaborativas. A escola do futuro deve ser um espaço inclusivo, que reconhece e respeita a diversidade cultural e social, promovendo a igualdade de oportunidades.

Da mesma forma, o papel do professor precisa ser revisto. Os educadores devem ser facilitadores do aprendizado, incentivando a autonomia e a busca pelo conhecimento. A formação continuada é essencial para capacitar os professores a lidar com as mudanças no ambiente educacional, incorporando novas práticas pedagógicas e tecnologias.

A reinvenção da educação no Brasil não é uma tarefa simples, mas é vital para o desenvolvimento sustentável e equitativo do país. Isso requer um compromisso coletivo, envolvendo governos, comunidades, instituições de ensino e profissionais da educação. A superação da crise educacional é um investimento no futuro, um caminho para construir uma sociedade mais justa e preparada para os desafios do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hannah Arendt, em seu artigo “A Crise na Educação,” aborda a decadência educacional nos Estados Unidos, destacando a constante diminuição de padrões como um perigo evidente. Ela contextualiza a crise na educação como parte de desafios mais amplos do século XX, criticando a ilusão de construir um novo mundo através da educação e a adoção acrítica de teorias europeias.

Arendt ressalta a importância única da educação nos EUA, vinculada à americanização das crianças. A influência do conceito de igualdade na sociedade é explorada, evidenciando desafios na busca por equilíbrio entre diferentes grupos. Suas considerações apontam para a necessidade de reforma, restaurando a autoridade do professor e repensando abordagens centradas no fazer.

Destaca-se a responsabilidade dos pais na preservação do mundo, embora Arendt aponte contradições, pois a criança precisa ser protegida do mundo, enquanto o mundo precisa ser protegido da influência potencialmente destrutiva das novas gerações. A crítica ao sistema educacional contemporâneo culmina na exposição da resistência de alguns adultos em assumir responsabilidade pelo mundo em que trouxeram as crianças.

Arendt encerra enfatizando a importância da educação como guardião do mundo, sublinhando a necessidade de assumir responsabilidade por meio da educação, garantindo sua constante renovação com o surgimento de novas gerações. Em última análise, a educação é vista como o espaço crucial onde decidimos se amamos suficientemente nossas crianças para não as abandonar no mundo, deixando-as entregues a si próprias.

O que se percebe, ao trazer essa realidade para o nosso país é que a crise educacional enfrentada pelo Brasil nas últimas décadas demanda uma ação urgente e coordenada para transformar significativamente a escola e o papel do professor. A desigualdade no acesso à educação, aliada a modelos pedagógicos desatualizados, ressalta a necessidade premente de uma reinvenção estrutural e conceitual.

A escola do futuro deve ser inclusiva, adaptável e centrada no desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para enfrentar os desafios de uma sociedade em constante evolução. A reinvenção da escola não pode ocorrer isoladamente, requer uma colaboração efetiva entre governos, comunidades, educadores e demais partes interessadas.

Da mesma forma, o papel do professor assume uma nova dimensão, indo além da mera transmissão de conhecimento para se tornar um guia e facilitador do processo de aprendizagem. A formação continuada



torna-se essencial para capacitá-los diante das mudanças, incorporando práticas inovadoras e tecnologias que potencializem o desenvolvimento dos alunos.

Investir na superação da crise educacional é, portanto, investir no futuro do Brasil. Uma educação transformadora é a chave para construir uma sociedade mais justa, igualitária e preparada para os desafios complexos do século XXI. A reinvenção da educação é um compromisso coletivo que visa não apenas corrigir deficiências no presente, mas também construir as bases para um futuro mais promissor e sustentável para as gerações vindouras.

REFERÊNCIAS:

ARENDDT, Hannah. A crise na educação. **Entre o passado e o futuro**. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.

MUZZETI, Luci Regina; SILVA Marcio José. Educação brasileira: projeto de uma crise. **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 223-243 maio/ago. 2017.

RIBEIRO, D. **Nossa escola é uma calamidade**. 6 ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 2009.

ROMANELLI, O. de O. **História da educação no Brasil**. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.